Pontos de Interrogação
Revista de Crítica Cultural

CC BY-SA

ISSN: 2237-9681
Recebido: 14/11/2022
Aprovado: 10/06/2023
doi 10.30620/pdi.v13n1.p335

A DEUSA PELO MITO, A MULHER PELO POEMA: A PERSÉFONE DE LOUISE GLÜCK

Sabrine Amalia Antunes Schneider
Fabiane Verardi

Resumo: Tendo em vista a influência que os mitos exercem na contemporaneidade, o presente trabalho tem por objetivo analisar quatro poemas da autora norte-americana Louise Glück (2021) que retoma o mito de Perséfone, baseando-se na ideia contida em Hall (2016) sobre identidade e representação, também com as considerações de Freud (2012) sobre o incesto ocorrido entre tio e sobrinha. Para ancorar os argumentos, uma breve retomada da narrativa de Coré fez-se necessária para elucidar a reflexão aqui contida. Tornou-se possível concluir que o lirismo de Glück traça uma identidade vista no mundo contemporâneo, quando mulheres se veem na mesma situação que a personagem mitológica.

Palavras-chave: Identidade feminina. Poesia feminina. Mitologia grega.

Abstract: In view of the influence that myths exert in contemporary times, the present work aims to analyze four poems by the American author Louise Glück (2021) that resumes the myth of Persephone, based on the idea contained in Hall (2016) about identity and representation, also with Freud's (2012) considerations about the incest between uncle and niece. To anchor the arguments, a brief resumption of the narrative of Koré was necessary to elucidate the reflection contained here. It became possible to conclude that Glück's lyricism traces an identity seen in the contemporary world, when women see themselves in the same situation as the mythological character.

Keywords: Female identity. Female poetry. Greek Mythology.

Introdução

> Mitos como configurações narrativas da realidade humana servem, consciente e inconscientemente, para regular ou limitar nosso conhecimento explicável, e para possibilitar múltiplas identidades tanto do raciocínio quanto do desejo de coisas incorporadas. Como mulheres e homens, isso significa, que somos descentrados por nossos próprios mitos conscientes e inconscientes da realidade divina/humana (ANDERSSON, 1996, p. 114, tradução nossa).

Pela criatividade universal, indivíduos de diferentes cantos conectam-se por alguma arte que compartilham. Na sociedade atual, ainda mais pelas mídias a arte se intensifica, apontando a direções infinitas de identidades possíveis quando estas se representam no social. Bem mais viável é apontar a importância das manifestações artísticas em uma situação real em que as pessoas passam um tempo ampliado em seus smartphones, sem perceber a presença em um mundo físico que exige suas participações e sociabilidade. Ao passo desta extrema necessidade das artes, tem-se nelas um reflexo de si e dos outros, como também de sinais e apontamentos de quaisquer opressões, violências e irracionalidades. Torna-se compreensível pontuar histórias que refletem em alguma forma uma subjetividade, não somente de quem a criou, mas também de quem a vê, ouve, lê, sente. É por esta razão que, enquanto arte não puramente contemplativa, a literatura direciona a uma identificação reflexiva de quem a consome.

Ponderando pela literatura, o presente artigo procura discorrer sobre a ideia de representação e identidade, segundo Stuart Hall (2016) e traça considerações sobre o mito de Coré, posteriormente Perséfone, em quatro poemas de Louise Glück (2021), autora laureada com o Nobel de Literatura em 2020, sobre a personagem, observando a figura dela no relacionamento com Hades, o deus do Submundo. Partindo da concepção da autora ao escrever tais poemas na coletânea *Averno,* apurou-se que o eu lírico dos poemas consegue apresentar um posicionamento perante a personagem Perséfone, o qual será relacionado com a identificação contemporânea de mulheres em relacionamentos abusivos, como também tendo em vista a equivocada noção da culpabilidade do sexo feminino em casos de estupro. Ressalta-se a característica de um mito enquanto fator que direciona o discurso aqui, sem a utilização da teoria feminista, que para tal análise trará como base apontamentos de Sigmund Freud, em *Totem e Tabu* (2012), a respeito do ato incestuoso.

Da identificação binária de donzela/rainha do submundo

É fato que, hoje em diferentes esferas, percebe-se a influência que a representatividade tem sobre distintas classes, gêneros e raças, e o quanto isso impacta na forma de enxergar e refletir o mundo. Antes da concepção da representatividade, foi fundamental apontar a construção das identidades de tais esferas, que precisam constituir-se, primeiramente, para, em seguida, proverem de representação aos demais. Ainda que pequena, a importância de tais representações foram, de longa data, configuradas após batalhas ideológicas e históricas que não excluíam seus componentes, estes que, mais tarde, teriam lugares de fala[1] a serem ouvidos por aqueles que sentenciam por gênero, raça e classe.

A ideia instaurada pela representação sugere seu valor social e cultural, até porque foi concebido desta forma pelo teórico aqui utilizado, Stuart Hall. O autor, em *Cultura e Representação* (2016), discorre sobre a concepção partindo de exemplos raciais para expor seus argumentos. Ao definir três abordagens[2] que foram utilizadas para mensurar a representação, afirma que tal forma se mantem pelo processo de significados produzidos e compartilhados em comum pelas pessoas, que envolve o uso da linguagem, de signos e de imagens para se fazer representado. Tendo em vista a literatura como a manifestação artística da representação escrita, torna-se um mecanismo claro de chegar a tais resultados pois ela os produz no âmbito social e cultural, assim como as demais artes. O in-

[1] Segundo Ribeiro (2020), lugar de fala relaciona-se diretamente com a posição que se encara dentro de um *locus* social. Não depende exclusivamente de estar familiarizado com determinado espaço, mas com aqueles ao qual você se sente pertencido, sem negar nenhuma identidade. A ideia de determinar o lugar de fala partiu das discussões sobre *feminist standpoint*, de um ponto de vista feminista, em que não definia por si um determinado lugar de fala: dentro da teoria feminista, "uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta da sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma" (RIBEIRO, 2020, p. 60). Por esse ponto do movimento, tornou-se necessária a estruturação do feminismo negro, que deu espaço e voz (lugar de fala) às mulheres negras. Não se trata, portanto, de experiências individuais, mas coletivas, que determinam o locus social ao qual, ainda de acordo com Djamila ao citar Grada Kilomba, faz-se necessário internamente nas perguntas: "Quem pode falar? O que acontece quando nós falamos? e "Sobre o que nos é permitido falar?" (2020, p. 77).

[2] As abordagens propostas com Hall (2016) são: a reflexiva, que vê o mundo em seu sentido real, tendo a linguagem como espelho ao refletir o sentido verdadeiro tal qual ele já existe; a intencional, em que o autor/interlocutor impõem por palavras intencionais o sentido que ele almeja; e a construtivista, em que a compreensão possui caráter público e social, em que as coisas não significam por si só, pois o indivíduo constrói o sentido. (HALL, 2016, p. 48-53)

divíduo em toda a sua participação em sociedade acaba se relacionando com outros, e por meio dessas relações instaura pra si uma compreensão mais ampliada de sua atuação enquanto ser social, pois dela se faz pertencente e por ela se vê incluído. Constata que não vive isolado, e sua leitura de mundo se faz pelas decorrências anteriores dos envolvidos em sua sociabilidade, além dos saberes que toma conhecimento e os faz pertencentes de suas opiniões. Nesse ponto, parte-se que não é em nenhum objeto, pessoa, coisa ou palavras que lhe dará significado, mas o sentido somente ele poderá construir tendo em vista os demais elementos; não é por eles, e sim com eles que se fará compreendido em suas reflexões, sendo assim produzido, construído. De acordo com Hall (2016), são pelos "mapas de sentido" (2016, p. 54) compartilhados entre todos que finalizam (sem ser um ponto final) a compreensão como ela bem se instaura.

Ao dizer que não há finalidade nos sentidos, levanta-se uma colocação do autor sobre as interpretações: "são sempre seguidas por outras interpretações, em uma cadeia infinita. [...] Qualquer noção de sentido final é sempre infinitamente adiada, descartada." (HALL, 2016, p. 77) Ou seja, não é possível delimitar uma compreensão final, a *posteori* outros submeterão seu sentido ao julgarem adequados, não sendo plausível findar uma ideia em si pela manifestação de outras que virão.

Stuart Hall resgata, em seu livro, a noção de discurso em Michel Foucault, retomando que discursar nada mais é que uma produção de sentido pela linguagem e que, dessa forma, todos eles terão aspecto discursivo. Tendo em vista a mitologia, ela por si só instaura definições que se mantem dentro do discurso, o que reforça que as coisas não possuem sentido unicamente sozinhas, mas se constituem pela forma que utilizam o discurso. De época em época, as acepções se transformam, no entanto não perpetuam-se como sua primeira manifestação, sendo assim necessária a constituição de novos significados. E de novas formas de discursar, expondo aspectos não vistos antes.

Tendo em vista uma nova apresentação do discurso, a autora Louise Glück poetiza a história de Coré/Perséfone, em que a personagem se desvincula da concepção primeira tida no seu mito, e exprime significados notórios e inquietantes ao nosso tempo. Uma breve retomada do mito será discorrida, para que se possa analisar com propriedade o uso desta personagem.

De Coré, ao desalento

Muito ainda se fala das mitologias que, de certo modo, foram as primeiras expressões religiosas para com uma força superior. Na indústria editorial e cinematográfica[3] é possível ver muitas referências e novas edições de distintas mitologias, o que perpetua a misticidade por trás das histórias e de como elas afetam em ampla escala o imaginário coletivo. Não obstante, acaba sendo perceptível a identificação com algumas personagens, bem como com suas vivências e lugares de atuação, representando segmentos variados. Para foco do trabalho, tem-se por base a mitologia grega (percepções do que se sabia a respeito) juntamente com o livro *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos* (2019), de Martha Robles, que, além de apresentar a história de Coré, busca usar da linguagem referindo-se a uma interpretação com foco na feminilidade da deusa.

Pela mitologia grega, é perceptível os relacionamentos amorosos que orientaram as histórias que conhecemos hoje. Movidos por uma paixão avassaladora ou por um desejo intenso, situações que começavam por um aspecto irrelevante desencadeavam um rubor que era ouvido "até no Olimpo". E é nisto, de acordo, com Robles (2019), "que se formou a potência helênica, da mesma paixão que nutre o medo da morte" (2019, n.p.), pois tais relações se fixavam em uma mistura de "dor e prazer, entre a força e a debilidade, entre a ordem e o caos", refletindo pela divindade a humanidade e sua condição. Ainda, segundo a autora, nossos sentimentos são avivados pelos mitos que foram guiados pela força das paixões, independentemente de como eram acordados, gestados ou pela prudência de seus acordos.

Persistindo na figura feminina, Coré possuía uma beleza incomparável e se debruçava sobre as criações de sua mãe, a deusa Deméter. Ao acender a paixão do deus do Submundo, teve sua simplória passagem marcada por um dos mitos que mapeia hoje a criação das estações, a força da infertilidade no

[3] Canais de streaming vem utilizando de histórias mitológicas, adaptações de obras que abordem a temática, ou criando universos que possuem uma raiz comum que se relacione com a misticidade dos deuses, além de editoras que apostam em novas edições ou relançam obras que abordam a temática divina dos mitos para contemplar antigos e novos públicos.

inverno. Martha Robles pontua que, como deus do inferno, Hades se deteve na presença da sobrinha por esta despertar anseios joviais contrapondo-se com a tristeza e desesperança de seu reino, além de perceber traços da mãe da menina e de seu irmão, Zeus, pai de Coré. Teve então a constatação que somente a teria se a raptasse, pois, ao procurar Zeus, o pai prestou-se indeciso ao permitir que a filha fosse fadada à eternidade do Tártaro e tampouco poderia ignorar os sentimentos antes impossíveis do irmão. Robles afirma: "A figura de Coré representou, desde então, um dos piores dilemas para o Pai dos Céus.", sendo que este não negou nem permitiu nada, cabendo a Hades decidir por todos.

O sequestro se sucedeu. A mãe postou-se a procurar a filha, visto que não sabia quem a teria levado. Após o lamurio materno e o medo de que a fome se instaurasse, foi-se dito à deusa que sua filha estava no submundo e poderia voltar se não tivesse comido do fruto do lugar. Porém, com um tempo tendo sido feita de refém, Coré ingeriu seis grãos da fruta dos mortos, permitindo que sua alma se desprendesse e levando-a a nutrir uma paixão pelo tio, não querendo mais se afastar dele. No entanto, a mãe continuava aflita e temerosa, querendo sua filha de volta. Apesar de todas as tentativas, ficou-se acordado que a agora Perséfone iria passar "três meses por ano como rainha do Tártato, e nos nove meses restantes subiria à Terra para reunir-se com sua mãe" (ROBLES, 2019, n.p). Deméter, em forma de agradecimento ao acordo, criou as estações do ano, e sua filha tornando-se a deusa do submundo, passa a vagar pelo reino de seu amado Hades.

O simbolismo havia sido criado, e, consoante Robles, Robert Graves (*apud* ROBLES, 2019) afirma a concepção do binômio Coré/Perséfone, também visto como donzela/rainha do inferno. A personagem transforma-se de menina virginal à majestosa soberana pela paixão incestuosa do tio, tendo em seu nome posterior o significado de "aquela que traz desalento". A antes jovem é a marca de turbulências devido a sua estonteante beleza ao enfeitiçar o tio, deus que, devido a sua posição na divindade grega, não proveria de afetos por ninguém. Com ares infantil, exulta-se em mulher ao ser profanada e forçada a se desprender de sua pureza, tolerante a todos que decidem por sua história, características que serão vistas pelos olhares de Louise Glück.

Do desalento à representação da dor

Retomando o discurso de Hall (2016), vemos que o conhecimento não opera no vácuo, que, em muitos casos, a análise se ancora no poder e dele se constitui verdade. Ao ter cada sociedade com sua política da verdade vigente, a construção do sentido se altera devido ao objetivo a ser atingido. Retomando novamente as ideias de Foucault (apud HALL, 2016), o poder tem estado circulatório, não sendo monopolizado, criando a binaridade entre opressores e oprimidos. Afirma-se que, pelo mito, Perséfone, após toda uma imposição a si, apaixona-se pelo tio, não querendo sair de sua proteção junto a ele. Se o poder permeia todas as eras, induz-se que inclusive por um poderio primitivo patriarcal as histórias tenderiam a suavizar as atitudes masculinas, mesmo sendo divinas. Dessa forma, como não mensurar o amor de Perséfone como um mecanismo de subtração da ação de seu tio? Como não ver todo o processo de transformação de donzela à rainha do submundo como o que realmente era, um abuso de poder, um sequestro por motivos incestuosos? Tal questão é levantada por Louise Glück em seu *Averno*, diante a figura de Coré.

Para atingir os objetivos, faz-se necessário reforçar a ideia presente em Hall (2016) de que há uma estrutura binária apontando para extremos opostos, o que fica claro no mito de Perséfone, o qual pontua a personagem em donzela/rainha. Ainda se faz perceptível a ação incestuosa de Hades, por desejar de imediato a beleza da sobrinha, o corpo, tornando a menina uma coisa, um objeto de desejo. As insistências na narrativa do deus do submundo perante Coré não são satisfeitas de imediato, o que provém a ideia de Hall (2016) de que a fantasia é avivada ao envolver essa rejeição, pois há um desejo negado, o de possuir a menina. Torna-se fácil perceber, também, que esse desejo é duplamente negado, pois não somente por Coré, mas também pela figura que ela representa sendo filha de dois deuses, carregando características de ambos e enfatizando ainda mais o desejo de seu tio. Se encararmos a relação incestuosa existente na atração de Hades pela sobrinha, a negativa se amplia ainda mais, trazendo à tona uma necessidade de tê-la imediatamente, ocasionando no rapto.

Ao tocar no assunto incestuoso que liga os dois, Freud (2012) discorre que em algumas culturas tal relacionamento é um tabu que promove em cima de restrições e proibições sua base de apoio. Nessas culturas, o incesto provoca um temor sagrado que estabiliza as regras para não promover a ira divina, em que no mito em questão é provocado pelos deuses para constituição genealógica. A permissividade entre os deuses tende a desestabilizar a crença que cai sobre eles, tendendo a permitir as mentes criativas novas formas de ver e interpretar os mitos. Nesta manifestação pela escrita temos neste trabalho o lugar de Perséfone, sob o ponto de vista de Glück.

Situando a coletânea da autora, precisa-se dizer que *Averno* (2021) constitui-se de poemas escritos após a fatalidade do 11 de setembro, em que o mundo viu-se inseguro, perpetuando uma descrença na proteção que o governo deveria garantir aos seus cidadãos. Então, a temática dos poemas permeia a insegurança, o medo de permanecer em um local que ameaça a sua vida. Entre eles, há os que fazem referência a deusa raptada e obrigada a viver no submundo, levantando uma nova interpretação a respeito da condescendência de Perséfone, que são eles: *Perséfone, a andarilha,* que aqui será poema A*; Um mito de inocência,* sendo para a análise poema B*; Um mito de devoção,* poema C*;* e *Perséfone, a andarilha,* que para diferenciar do primeiro será poema D.

No poema A, na primeira retomada do mito, temos a ira de uma mãe que sentencia a terra pelo rapto de sua filha. No desenrolar do lirismo, há marcas que remetem a insegurança que muitas mulheres tem em serem abusadas, perseguidas, tiradas de seu seio familiar ao se verem sozinhas e indefesas diante uma figura masculina que as oprime, as sentencia a uma eternidade de autoquestionamentos:

> "A primeira residência
> de Perséfone no inferno continua sendo
> esmiuçada por eruditos que debatem
> as sensações da virgem:
>
> teria ela cooperado com seu rapto,
> ou foi drogada, violada à força,
> como acontece tantas vezes hoje com as garotas modernas?" (GLÜCK, 2021, p. 37).

Tal ponto torna-se um reflexo contemporâneo do medo que ronda mentes femininas, assim permitindo uma primeira identificação com a jovem ao representar algumas falácias sobre a temática, que recai uma culpabilidade sempre sobre corpos de mulheres; a manipulação de seu físico levaria ao rapto, às ações movidas pela paixão masculina que, dessa forma, não são injustificáveis, até porque há uma causa que o levou a cometer tal violação.

Apesar de retomar um mito específico, Glück (2021) carrega em seus escritos seguidamente a temática da opressão feminina e, segundo Hunt (2022), a autora demonstra em seus escritos um amadurecimento em relação ao que propõe em seus poemas:

> Throughout Gluck's career, she repeatedly returns to themes of female objectification, paralysis, silence, hunger, and grief. Though her voice has changed as she has matured as a writer [...], she has repeatedly returned to the same motifs by narrating stories of women who are oppressed in their relationships in some manner, whether that be by a male partner, religion, family relationships, or by their own state of mind. In these stories, female autonomy is threatened in some way and the speaker is faced with a challenge of attempting to overcome this oppression. [...] Gluck has mastered a method for softening her own voice and motives over time and in context with modem social trends [...] While Gluck's work is certainly not void of her own personality, as exemplified through the stability of repeated themes and subjects, she has undeniably softened over time[4] (HUNT, 2022, p. 43).

Ao suavizar sua voz, possibilita um reflexo para outras interpretarem as vozes femininas que ecoam pela sua escrita. Assim, Glück se estabiliza na alma feminina que fala de si e de outras milhares, percebe em si a dor do

[4] Tradução nossa: "Ao longo da carreira de Glück, ela repetidamente volta a temas de objetificação feminina, paralisia, silêncio, fome e luto. Embora sua voz tenha mudado à medida que amadureceu como escritora [...], ela voltou repetidamente aos mesmos motivos narrando histórias de mulheres que são oprimidas em seus relacionamentos de alguma forma, seja por um parceiro masculino, religião , relações familiares, ou pelo seu próprio estado de espírito. Nessas histórias, a autonomia feminina é ameaçada de alguma forma e a locutora se depara com o desafio de tentar superar essa opressão. [...] Gluck dominou um método para suavizar sua própria voz e motivos ao longo do tempo e no contexto das tendências sociais modernas [...] Embora o trabalho de Gluck certamente não seja vazio de sua própria personalidade, como exemplificado pela estabilidade de repetidos temas e assuntos, ela inegavelmente suavizou ao longo do tempo."

mundo para as mulheres e emancipa o silêncio pelo lirismo contemporâneo, permitindo a identificação da leitora em seus escritos.

No mesmo poema, ainda há marcações da moça virginal se perdendo após ser raptada, em que "volta para casa/ tingida de sumo vermelho" (GLÜCK, 2021, p. 39), uma referência direta ao sangue perdido em sua primeira relação sexual forçada com o tio. A pureza da donzela se esvai, ficando a marca da rainha mulher do submundo, restando uma brancura do inverno/ inferno/averno do esquecimento e da profanação de um corpo sagrado por uma divindade. Essa existência de Perséfone no mundo subterrâneo passa a ser perpetuada por dor e sofrimento pelo o que passou e por ter sido retirada do seio de proteção materno, e seus momentos íntimos com o deus causam o inverno na terra: sua agonia profunda afeta o clima e não sabe ser o motivo disso, pois nunca terá a chance de conhecer o que ela mesma gera aos mortais. Sua angústia pode ser percebida a seguir:

> Está deitada na cama de Hades.
> O que tem na mente?
> Sente medo? Alguma coisa
> cancelou a noção de
> mente? (GLÜCK, 2021, p. 41).

Toda a tristeza que lhe cerca deixa-a sem perceber a ausência de sua consciência. Junto com a perda do domínio de seu corpo e mente, ela passa a ser o objeto que movimenta discussões entre o tio e a mãe, sendo "apenas carne" (GLÜCK, 2021, p. 43). Ela já não se esforça mais, pelas palavras da autora, para ser alma e corpo, pois quebrada se encontra, e dela promove-se o retorno fecundo da terra, somente com seu retorno, aceitando o acordo que fizeram por ela, sem saber se era o que queria, se poderia transcorrer como o acordo dos deuses.

Pela titulação do poema B, *Um mito de inocência*, garante-se a tamanha pureza da menina. Tem-se a solidão que ela sente, mesmo sendo constantemente vigiada:

> Eu nunca estou sozinha, ela pensa,
> Transformando o pensamento numa prece.
> Nisso a morte se mostra, como se fosse a resposta a uma prece.
> [...]
> Este é o último momento de que ela se lembra com clareza.
> Depois o deus escuro a carregou dali (GLÜCK, 2021, p. 105).

O peso destes versos somente é percebido mais a frente quando, por momentos de reflexão, a não mais menina se vê compelida a acreditar que desejou o rapto, que o provocou de alguma maneira, vendo em seu reflexo nas águas uma nova versão, violada, machucada, dilacerada, mas que sente ser sua as ações que a levaram aquela situação. Uma identificação entre vítimas de abuso e estupro pode ser entendida aqui, as quais em algum momento percorrem em suas lembranças se não teriam sido as culpadas pelas atitudes do abusador. Além da insegurança feminina, há o peso das críticas sociais que em algumas culturas, veem na mulher a "participação" na violência que a marcou. Pela voz de Perséfone, dada por Glück:

> Então ela diz, Eu me ofereci, eu queria
> fugir do meu corpo. Diz mesmo, às vezes,
> foi um comando meu. Mas a ignorância
>
> não consegue comandar o conhecimento. A ignorância
> comanda uma coisa imaginada, que acredita que exista.
> (GLÜCK, 2021, p. 107).

Pela falta de conhecimento, ela mesma acredita ter participado de seu sequestro. A pureza da menina está presente na ausência de informações, de não saber e não poder responder às próprias incertezas, de não ter sido avisada. À prece silenciosa que havia feito, não sabe se foi atendida ou se foi ignorada, tendo pelas mãos do tio o castigo dos deuses.

O poema seguinte, C, tem-se o olhar do deus que desposou Perséfone e, pelas palavras de Glück (2021), o quão devoto era seu "amor" pela menina. Com o objetivo de tê-la, Hades estrutura em seu reino um espaço que traga recordações a ela de sua vida na terra, deixando uma cama já preparada para sua amada. Ao ter uma cama somente, percebe-se uma das intenções do deus

do submundo de possuir o corpo da moça virginal, de ter este prazer atendido. Sua preocupação em não apresentá-la imediatamente a escuridão de seu reino é marcada pela gradação ao qual irá tomando dela sua estável percepção da luz, não a amedrontando de início. Ele vinha pacientemente aguardando, observando-a para mensurar o momento certo de agir, situação comum em casos de perseguidores às mulheres. Em alguns casos de fascínio e perseguição, acontecem ações de raptores de proporcionarem ambientes agradáveis àquelas que mantem em cárcere privado, justificando que o "amor" é visto nas atitudes, no zelo, para com a sequestrada. Cria-se, em Glück, uma atmosfera da devoção do deus à Perséfone, mas que não deixa de caracterizar-se como uma invasão ao seu corpo, um rapto de sua liberdade: "Que Perséfone se acostumasse devagar" (GLÜCK, 2021, p. 123). Caberia à jovem aceitar aos poucos sua nova condição, pois Hades movia-se por motivos amorosos: "Uma réplica da terra/ só que ali havia amor./ Todo mundo quer amor, não?" (GLÜCK, 2021, p. 123).

O poema C termina com a vontade de Hades em manifestar o que sente por Perséfone, querendo dizer que a ama e que não precisa temer, pois nada irá magoá-la. No entanto, constata ser mentira tais palavras e as muda ao perceber que, após ela ter adentrado no mundo dos mortos e pelo sequestro da jovem, Perséfone se encontra morta, principalmente por dentro, cabendo à ele assegurar-lhe: "*você está morta, nada vai magoá-la*"(GLÜCK, 2021, p. 127, grifo do autor), não mais afirmando o que o levou a cometer o rapto.

Na última aparição do mito de Coré (poema D), Louise Glück se apropria do laço materno para apresentar uma segunda versão. Nesta, o desespero da mãe se transforma em algoz para o fim da fertilidade na terra. Deméter passa a ser, juntamente com a filha, a andarilha: uma entre dois mundos, a mãe a peregrinar à sua procura. Aos que não veem na filha o motivo do inverno terreno, é pela mãe que ele se instaura, antes mesmo de saber o paradeiro da menina. A deusa perpetuava não prosseguir mais com vida, caso não encontra-se Coré, nada valeria sem a única filha. Sabendo do que se sucedeu, ela remonta à doçura e a inocência da jovem que, agora, não mais será assim; algo se perdeu, e não voltará a ser como antes. Tendo o corpo de Perséfone como "ramificação do corpo da mãe", vê-se o medo da deusa de não protegê-la mais,

além de afirmar a manifestação de Hades em não possuir somente a menina, e também o que ela representava, a união dos deuses.

Um aspecto levantado no lirismo de Glück está na incerteza deste mito ter se apropriado de um corpo jovem virginal para compor uma ficcionalidade:

> Perséfone "volta", será
> por uma destas duas razões:
> ou bem não estava morta, ou bem
> está sendo usada
> em prol de uma ficção
> Acho que consigo me lembrar
> de estar morta. [...] (GLÜCK, 2021, p. 159, 161).

Sua retomada se transforma em efemeridade, pois sua trajetória foi para a criação de outros. O sentimento que a cerca aponta para a sua insatisfação diante os resultados do que lhe sucedeu, não importando para estes outros do que dela se configurou em mito, pois, dentro de si, não só lembra de sua morte, como a vivencia seguidamente: ela torna-se uma representação das muitas que sofrem/sofreram como ela, não existindo um lado bom na história, somente dor às que padecem desse mal. O corpo não é mais o mesmo, a alma se perdeu há muito, restou a lembrança de quem se foi enrolada nas marcas que ficaram. Neste aspecto é que Glück (2021) procura evocar o mito, traçando uma interpretação identitária com a contemporaneidade ao representar muitas mulheres que passam pela insegurança de não serem mais as mesmas. E perdura, também, as incertezas de outras pelo medo de serem as próximas. A angústia reflete-se nas palavras de Glück, ao se identificarem nos versos.

Conclusão: Da dor, como reflexo de outras

Um lugar de fala, como bem dito por Ribeiro (2020), é aquele ao qual cada um se faz pertencente, incluindo-se em pautas que coincidem com tal pertencimento. Ao retomar um mito e expor uma voz oprimida, Glück (2021) permite que outras mulheres se identifiquem com o discurso que apresenta. Discurso e poder caminham lado a lado, construindo uma representação necessária ao século XXI, quanto mais exposta na binaridade de oprimido/opressor.

A deusa resgatada situa-se na opressão, na negativa de seu corpo que suscitou ceder ao seu sequestrador para ter uma chance de subverter o amor doentio. Perséfone representa as decisões tomadas por outros, a história que não foi dela, mas criada a partir de seu nome para suceder aos caprichos divinos. Sua conduta não tem características culposas, como também a das mulheres que são criticadas pelas roupas que vestem, pela maquiagem que usam, pelas falas eloquentes que não se mantem caladas, pelo empoderamento que afeta o poder patriarcal. "Tudo é culpa da mulher" converge com "Somos reféns das decisões alheias", no entanto a identidade que representa tais mulheres precisa ser uma lembrança ao que não retornar, ao retrocesso. O comportamento que leva a identificação com a poesia de Louise Glück não pode ser permanente, precisa ser reflexo de um tempo passado, mas que ainda se faz tão presente.

Referências

ANDERSON, Pamela Sue. 1996. Myths, Mimesis and Multiple Identities: Feminist Tools for Transforming Theology. In: *Literature and Theology 10*, pp. 112-30.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: *Obras Completas volume 11.* Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012 (recurso eletrônico).

GLÜCK, Louise. Averno. In: *Poemas 2006-2014.* Tradução de Heloisa Jahn, Bruna Becker e Marília Garcia. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

HALL, Stuart. *Cultura e representação.* Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio : Apicuri, 2016.

HUNT, Cheyenne. *Doing the Heavy Work: Feminism in Louise Gluck's Poetry*. 2022. Ohio Dominican University, Master's thesis. OhioLINK Electronic Theses and Dissertations Center, http://rave.ohiolink.edu/etdc/view?acc_num=odu165135910858859.

RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Jandaíra, 2020. (Feminismos plurais).

ROBLES, Martha. *Mulheres, mitos e deusas.* Tradução de William Lagos e Débora Dutra Vieira. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019 (recurso eletrônico).